

A presença dos grafismos urbanos na Universidade Estadual de Maringá

The presence of urban graffiti in Universidade Estadual de Maringá

DOI:10.34117/bjdv7n11-531

Recebimento dos originais: 12/10/2021

Aceitação para publicação: 29/11/2021

Jean de Paula Sousa

Mestrando em Geografia

Universidade Estadual de Maringá

Av. Colombo, 5790 - Zona 7, Maringá – PR.

E-mail: jeandepsousa@hotmail.com

Fernando Luiz de Paula Santil

Pós-doutor em Geografia

Universidade Estadual de Maringá

Av. Colombo, 5790 - Zona 7, Maringá – PR.

E-mail: fernandosantil@ufu.br

RESUMO

A arte urbana se apresenta intrínseca à paisagem das cidades contemporâneas. Por meio de suas múltiplas representações, a arte de rua se alastra e se fixa no espaço urbano, dando a este um novo significado. Dentre as diversas expressões da arte de rua, ressaltam-se aqui os grafismos urbanos, destacando os grafismos de pichação e grafite, expressões gráficas impressas nos muros da cidade que carregam em seu âmago uma caracterização ambígua. Por um lado, é vista como crime de vandalismo, sujeira e depreciação do patrimônio público, em sua outra face apresenta uma dinâmica muito mais complexa e reveladora, embasada em lutas sociais e autopromoção do indivíduo. O presente artigo resulta da pesquisa de mestrado em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e busca por meio de levantamento bibliográfico, trabalhos de campo e mapeamento, quantificar e identificar os grafismos urbanos no ambiente acadêmico da UEM, evidenciando os principais grafismos presentes no espaço acadêmico.

Palavras-chave: Grafismos urbanos, arte de rua, espaço acadêmico.

ABSTRACT

Urban art presents itself intrinsic to the landscape of contemporary cities. Through its multiple representations, street art spreads and settles in the urban space, giving it a new meaning. Among the various expressions of street art, we highlight here the urban graffiti, highlighting graffiti and graffiti, graphic expressions printed on the city walls that carry in their core an ambiguous characterization. On the one hand, it is seen as a crime of vandalism, dirt and depreciation of public property, on the other hand it presents a much more complex and revealing dynamic, based on social struggles and self-promotion of the individual. This article is the result of a master's research in Geography by the Universidade Estadual de Maringá (UEM) and searches through bibliographic surveys, field works and mapping, quantifying and identifying urban graphics in the academic environment of UEM, highlighting the main graphics present in the academic space.

Keywords: Urban graffiti, street art, academic space.

1 INTRODUÇÃO

Dentre os elementos que compõem a conjuntura espacial urbana estão as chamadas intervenções visuais urbanas, que “têm feito parte do cotidiano das cidades e impactado, de diversas formas, os espaços de convivência” (HAMANN, PIZZINATO e TEDESCO, 2017).

Inserido no contexto das intervenções visuais urbanas, estão os chamados grafismos urbanos que, segundo Andreoli (2004, p.33), se referem a um movimento corporal, associado frequentemente aos movimentos das mãos, em posse de algum instrumento que possibilite a produção de marcas, como tinta, giz, cera, grafite etc.

Por outro lado, os grafismos urbanos se apresentam a décadas como uma componente da cidade, se destacando nas grandes capitais ao trazer “vida” ao concreto, mas também são encontradas em pequenas localidades com grafismos pontuais. Com a utilização dos grafismos urbanos, agentes sociais alteram o espaço e trazem a paisagem urbana um novo significado, causando reações diretas e indiretas na população, na qual a obra de arte passa a compor o urbano e estabelece diversos tipos de relações (BARJA, 2008).

A princípio compreende-se que tais grafismos são formas de manifestação cultural, social e política que, inseridas da paisagem urbana, delineiam não só uma incorporação estética do ambiente urbano, mas um verdadeiro movimento de exteriorização de valores, crenças, ideais e tradições de uma sociedade ou de um grupo de cidadãos. Como salienta Beaujeu-Garnier (1983), o grafismo atua como um elemento de atração a qual é simultaneamente um objeto e sujeito, respectivamente, transformam e modelam os lugares em que as pessoas vivem.

Tal comparação pode também ser realizada com o espaço acadêmico universitário, que enquanto objeto convida e atrai as pessoas a habitarem àquele espaço pelos mais diversos motivos, os molda e é modelado por esses agentes. Assim, os grafismos urbanos nos espaços internos da universidade são semelhantes aos demais espaços da cidade?

O presente trabalho tem como foco a investigação da composição dos grafismos urbanos inseridos no espaço da Universidade Estadual de Maringá (UEM), trazendo inicialmente uma reflexão conceitual dos grafismos urbanos, um resgate histórico da

cultura dos grafismos e seus agentes promotores, bem como a quantificação e produtos cartográficos dos grafismos presentes no espaço da UEM.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os grafismos urbanos constituem-se de um elemento gráfico com traços semelhantes ao da escrita e produzido de modo artesanal e espontânea, se apresentando contrariamente às composições gráficas realizadas por máquinas, ou inclinadas a uma estética mecânica. Lévy (1998, p.18) aponta que os grafismos são “antes de mais nada brotação de signos, suporte e prolongamento de um imaginário do qual a língua não é a única forma de expressão. O grafismo, escrita no sentido amplo, não tem por primeira vocação duplicar a oralidade ou a cena vista: é uma linguagem autônoma.”

A fim de aclarar a respeito dos grafismos urbanos no espaço universitário da Universidade Estadual de Maringá (UEM), se faz necessário compreender as distinções existentes entre eles. Para este trabalho, serão elucidados quatro dos grafismos urbanos mais recorrentes Universidade Estadual de Maringá: pichação; grafite; grapixo e bomb.

A pichação é definida por Lassala (2017, p. 46) como sendo:

“uma ação de transgressão para marcar presença, chamar atenção para si ou para alguma causa por meio da subversão do suporte. Não define um padrão estético, embora possa ocorrer, mas privilegia o uso da palavra (tipografia); no caso de desenhos ou ilustrações, estes costumam ser muito simples, próximos de símbolos.”

O autor aponta ainda que esta forma de expressão visual faz uso de textos de grande impacto para intervir na paisagem urbana, composta por múltiplas variações de estilo, “desafiando os preconceitos do *design* e arquitetura, obedecendo a regras próprias, somados à adrenalina desse fazer algo proibido” (LASSALA, 2017, p. 28). O pesquisador ainda discorre que o tempo para a realização da pichação é sempre curto, a confecção em si é aleatória e anárquica, permitindo que qualquer um possa atuar com as mais diversas ferramentas para desenhar, pintar, escrever ou rabiscar.

Na confecção da mensagem se utiliza geralmente uma única cor. Segundo Lassala (2017, p. 46), “os suportes para a pichação nunca são autorizados ou cedidos, são sempre invadidos, portanto são os mais variados possíveis, de inscrições em árvores a monumentos e museus.” Comumente, as letras desenhadas não são compreendidas pelo público leigo, somente pichadores e algumas pessoas mais atentas o compreendem. Esse fato decorre que a pichação ao concorrer com a comunicação de massa, faz uso de

processos de percepção e assimilação diferentes dos tradicionais; “ela possui uma gramática própria” (LASSALA, 2015, p. 50). Pode-se observar as características presentes na pichação através da Figura 1.

Figura 1: Pichação da Universidade Estadual de Maringá



Fonte: autor

A respeito do grafite, Lassala (2017, p. 36) aponta que é: “uma forma de intervenção urbana cujas letras e/ou elementos figurativos exigem maior complexidade na elaboração das imagens, além de ser reconhecida pela diversidade de cores e apelo estético. O autor ressalta ainda que técnicas de pintura e noção de movimento, volume, perspectiva, cor e luz são conhecimentos indispensáveis para a atuação do grafiteiro.

Além disso, o grafite costuma ser realizado com autorização, algumas vezes recebendo patrocínio. Diferente da pichação, nem sempre o suporte utilizado pelos grafiteiros é a rua, podendo atuar em galerias de arte, pintura de telas, além de desenvolverem trabalhos de esculturas e roupas (LASSALA, 2017, p. 38). Outra característica muito comum nos grafites é a crítica social, observado em um grafite da artista Harume no bloco I24 da UEM (Figura 1), retratando o preconceito sofrido por orientais no Brasil.

Figura 2: Grafite de crítica social produzido pela artista Harume



Fonte: autor

Conforme Lassala (2017, p. 56) o *bomb* é uma técnica de desenho difundida por grafiteiros norte-americanos que faz parte do repertório tanto de grafiteiros, quanto de pichadores. Em geral são confeccionados de maneira relativamente rápida, “arredondadas, com contorno, preenchimento e traços para simular volume, normalmente fazendo uso de duas ou três cores”. Segundo o autor esse estilo pode ser realizado apenas com contorno, sem preenchimento e com uma única cor. Apresenta-se com uma estética que se assemelha ao grafite, entretanto, “é aplicada por meio de intervenções ilegais, o que a aproxima mais da pichação”.

Outra intervenção visual, essa com menor expressividade, é o *grapixo*. Trata-se de uma fase intermediária entre o grafite e pichação e é caracterizada por letras desenvolvidas por pichadores de São Paulo, “com adição de duas ou mais cores no contorno e no miolo das letras e, por vezes, com recurso de sombreamento e/ou volume” (LASSALA, 2017. p. 52).

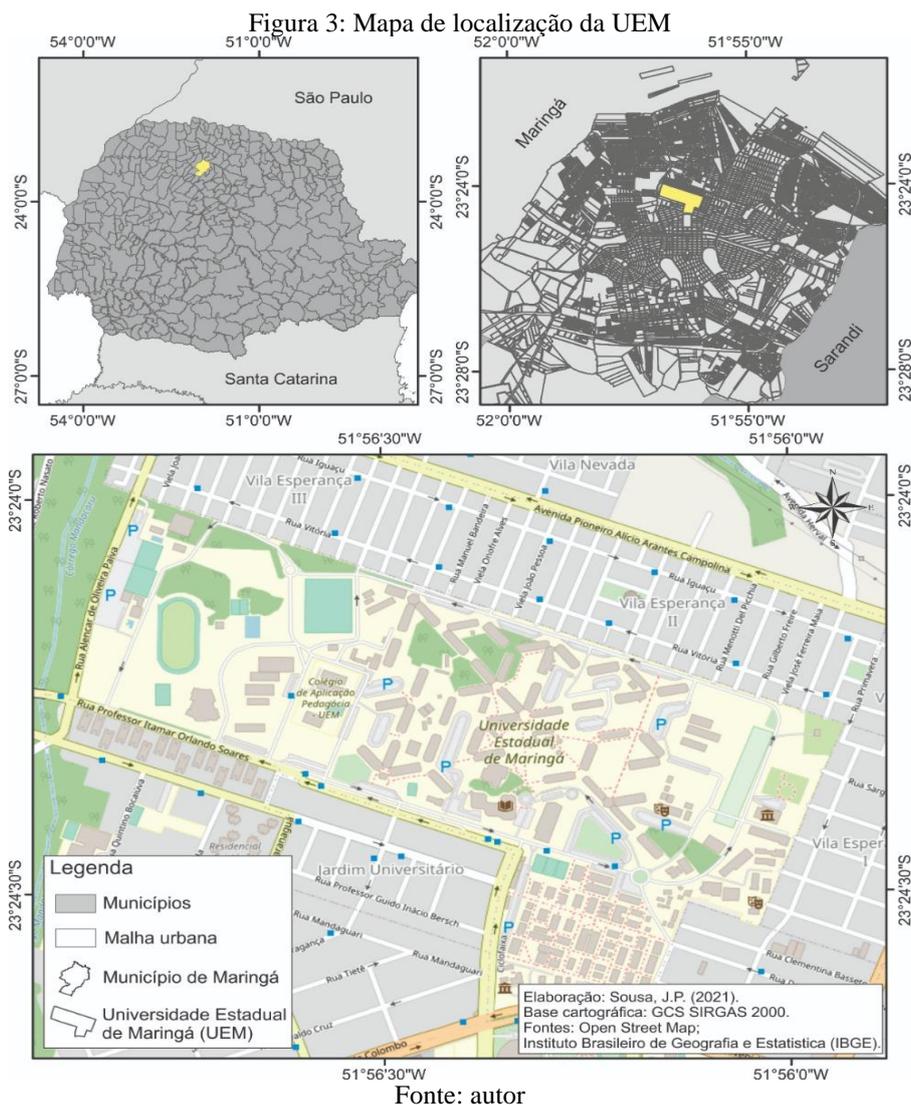
3 MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho tem como alicerce a análise de dados quantitativos dos grafismos urbanos enquanto expressões artísticas e políticas na Universidade Estadual de Maringá, Campus Sede. De modo geral, o processo de construção do trabalho se dividiu em 3 pontos principais: revisão bibliográfica; coleta de pontos dos grafismos urbanos; mapeamento.

Para a etapa de revisão bibliográfica, foram escolhidos autores que trabalham a cidade de Maringá, enquanto formação do espaço urbano maringaense e a relação da cidade com os grafismos urbanos. No que diz respeito aos grafismos urbanos, utilizou-se a obra de Gustavo Lassala (2017), pesquisador das pichações paulistas que apresenta em seu trabalho a distinção entre os diversos grafismos urbanos presentes na cidade de São Paulo e que puderam ser também identificados na Universidade Estadual de Maringá.

Em um segundo momento, foram realizados trabalhos de campo para quantificação e identificação dos grafismos urbanos presentes no espaço interno da UEM. Para isso, foram considerados suportes externos da universidade como muros, placas, postes e demais locais no qual se possa observar os grafismos urbanos. Também foram considerados os espaços internos de blocos não finalizados possíveis de acesso, como os blocos I24, I46 e M23.

A identificação dos grafismos foi realizada com base na obra de LASSALA (2017). O processo se deu por meio da análise das características de cada grafismo apresentado na literatura, observação e comparação individual de cada grafismo no espaço da universidade, podendo delimitar quais eram os grafismos presentes no local. Tal comparação fora realizada por meio de trabalhos de campo realizados em março de 2021 na UEM, juntamente com a coleta de pontos nos quais os grafismos eram identificados conforme suas características e inseridos em uma tabela, contendo o número do ponto e qual tipo de grafismo aquele ponto representa. A Figura 2 mostra a área de estudo.



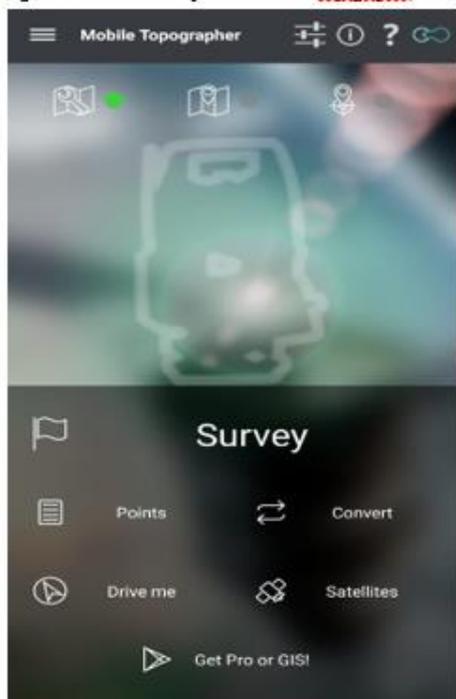
A quantificação dos grafismos fora realizada através levantamento das coordenadas de latitude e longitude de cada grafismo. Através do aplicativo para *Android*, *Móbile Topographer FREE*, foi possível realizar a coleta dos pontos utilizados para a realização dos produtos cartográficos.

O aplicativo pode ser utilizado sem conexão com a internet, e conta com um armazenamento de pontos coletados das constelações GPS e GLONASS, além da ferramenta de exportação de dados em vários formatos e envio de arquivos por e-mail ou nuvem. (APPLICABILITY, 2020). Em sua tela inicial (Figura 3) estão disponíveis as funções: *Survey*; *Points*; *Convert*; *Drive me*; *Satellites*.

Para realizar a captura de pontos é necessário acessar a função *Survey* do aplicativo, o que direcionará o usuário a uma segunda tela (Figura 4), onde é possível identificar na parte superior: Latitude; Longitude; Altitude; *Accuracy* (precisão) e *Satellites* (Satélites), referente ao número de satélites disponíveis durante o momento da

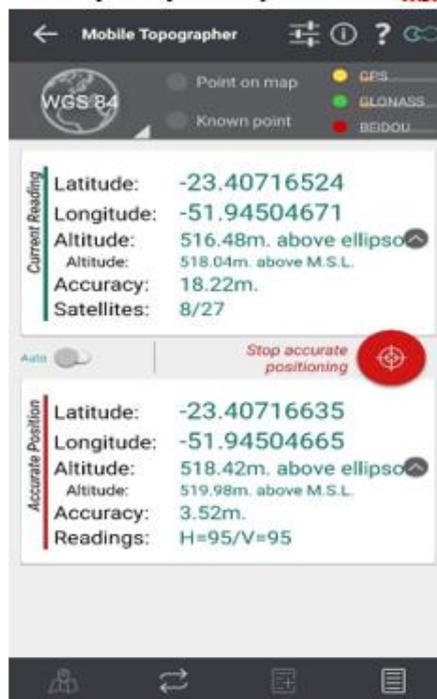
coleta do ponto. A parte inferior dispõe das mesmas informações, com acréscimo da informação *Readings* (leituras), no qual o aplicativo realiza constantes leituras para coleta do ponto, aproximadamente 1 minuto por ponto.

Figura 4: Tela inicial do aplicativo *MóBILE Topographer FREE*



Fonte: autor

Figura 5: Tela de captura de pontos do aplicativo *MóBILE Topographer FREE*



Fonte: autor

Para iniciar o processo de coleta dos pontos, basta pressionar a função *Start accurate positioning* e aguardar que sejam aferidas as informações (parte inferior), para finalizar, é necessário pressionar a função *Stop accurate positioning*. A precisão costuma variar de acordo com a quantidade de satélites disponíveis, neste estudo, a precisão se manteve em 3 metros e 4,5 metros, uma margem que não interfere para a interpretação da distribuição espacial dos grafismos urbanos. Após o levantamento dos pontos, os mesmos eram extraídos no formato KML e KMZ para confecção dos mapas.

A última etapa se constitui na elaboração dos produtos cartográficos. Os mapas foram confeccionados no Software Qgis 3.14 utilizando o algoritmo densidade de *Kernel*, (ferramenta “Mapa de Calor”). Os mapas de calor gerados através do algoritmo de *Kernel*, auxiliam na compreensão e análise da distribuição dos grafismos urbanos, evidenciando onde existe uma maior ocorrência de grafismos.

Os parâmetros utilizados no processamento foram os padronizados recomendados pelo software para a computação dos dados. Devido à grande quantidade de pontos coletados, o método escolhido para a classificação dos produtos *raster* resultantes do

processamento, foi o método *Quantil*, o qual divide as classes de maneira que todas elas tenham a mesma quantidade de unidades geográficas (FERREIRA, 2013).

Resultante do processamento realizado, o mapa geral de grafismos apresenta valores que variam de 0 - 69,08. Deste modo, optou-se por apresentar a legenda com elementos de baixa, média e alta intensidade, tendo em vista que o objetivo proposto para os mapas era identificar os principais *hotspots* de grafismos e onde estão mais presentes na área de estudo.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O fato de a comunidade acadêmica possuir um expressivo número de jovens, cerca de 71,3% segundo o perfil dos vestibulandos de 2014, disponibilizado pela Assessoria de Comunicação, chama atenção, tendo em vista que o cerne deste trabalho gira em torno dos grafismos urbanos de pichação e grafite, prática atrelada a grupos de jovens desde sua gênese. As práticas de pichação e grafite têm sua ascensão durante fim da década de 1970, no *South Bronx* em Nova York.

Componente essencial da cultura *Hip Hop*, a expansão dos grafismos urbanos ocorre por meio de grupos de jovens negros e imigrantes que moravam nos bairros periféricos da cidade. Vistos como um problema social, esses jovens inicialmente utilizavam a tinta *spray* para realizar protestos de temas microsociais e para demarcação territorial (ARAÚJO, et al., 2015).

Tais grupos utilizavam marcas padronizadas (*tags*), com o objetivo de preservação de sua identidade, tanto individual, quanto coletivo, haja vista que, tais grupos foram segregados abruptamente para conjuntos habitacionais em partes isoladas e precárias da cidade, sendo forçados a conviver com outras comunidades, acarretando conflitos étnicos e raciais.

Deste modo, a *tag* de um determinado indivíduo ou conjunto de indivíduos, era reproduzida como um meio de autoafirmação existencial, se provando para os demais (GÜNES e YILMAZ, 2006). O grafite e a pichação ocupavam não só os muros, mas também o sistema de transporte urbano de trens e metrô tanto internamente, quanto na parte de fora, difundindo amplamente as marcas gravadas por jovens periféricos, em busca de reconhecimento e status.

Em um segundo momento, agora já no Brasil, a utilização dos grafismos urbanos foi amplamente utilizada por jovens durante o período de ditadura militar no país. Com o movimento ganhando força grupos de jovens se arriscavam para defender os ideais de

uma sociedade democrática, frente às duras e desumanas condutas repressivas da liberdade individual e da livre manifestação do pensamento, adotadas pelo Estado durante o período da ditadura.

No final da década de 1960, começam a aparecer nos muros das grandes cidades brasileiras, breves frases de protesto como: “Abaixo a Ditadura”. Essas frases são curtas exatamente por serem uma ação rápida a fim de que seu autor não seja surpreendido em uma ação de resistência explícita contra a política instituída. [...] A resistência assume uma perspectiva diferente. Se, inicialmente, observávamos uma resistência política contra a ditadura, depois a apologia das drogas e a demarcação do território, vemos agora surgir uma autoria que não só se objetivou como um sujeito social, mas também subjetivou-se ao assumir o papel de ser uma voz de alerta contra as injustiças sociais. (FERNANDES, 2011, p.246).

Como apresentado, a prática dos grafismos urbanos se consolida associada aos grupos de jovens que edificaram a cultura da arte de rua ao longo dos tempos e se consolidando atualmente como um elemento do espaço urbano. Essa ampla propagação pode ser explicada devido à falta de espaço para a grande massa popular levantar o debate político, grupos, ou cidadãos descontentes, utilizam métodos a margem da lei com vista a irromper a configuração política vigente. “Muitas vezes são discursos que parecem não conseguir espaço de veiculação, em outros meios de comunicação de grande alcance, como televisão, rádio e mídias impressas.” (BUENO, OLIVEIRA e ROCHA, 2019, p. 431).

Essa face de expressão política e social pode ser observada através dos diversos grafismos encontrados no espaço universitário da UEM, representados na Figura 6, com pichações que fazem referência ao debate de crença, racismo e feminismo, já a Figura 7, apresenta um grafite que leva o transeunte a pensar sobre o movimento radical feminista, a violência policial e a própria prática do grafite como uma ferramenta de luta.

Palco de diversos debates sociais, o ambiente acadêmico se mostra como um exemplo, de como os grafismos urbanos, tal qual a pichação e o grafite, podem se consolidar como mais uma ferramenta neste debate político promovido por jovens universitários.

Figura 6: Pichação na UEM



Fonte: autor

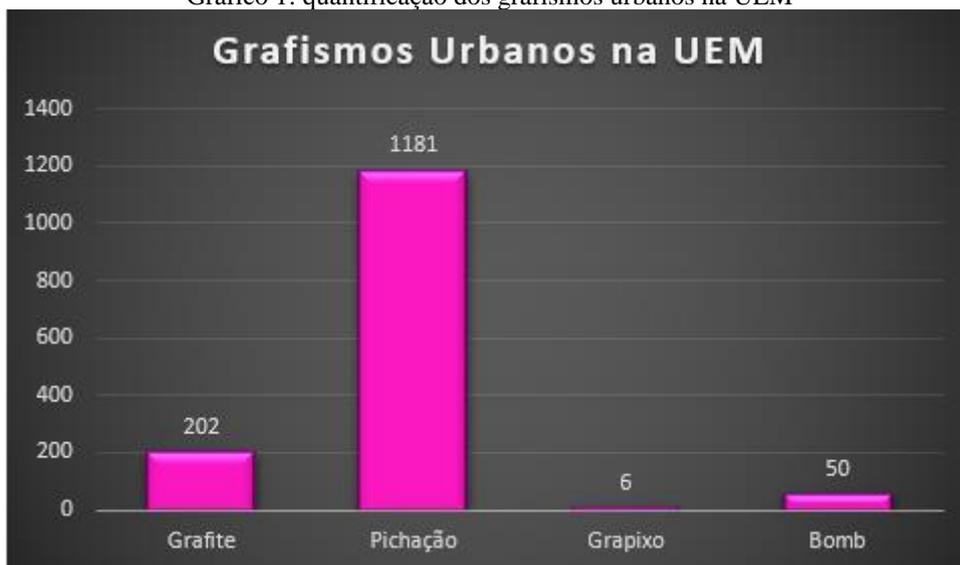
Figura 7: grafite na UEM



Fonte: autor

Foram identificados 4 principais tipos de grafismos urbanos no perímetro da Universidade Estadual de Maringá, Campus Sede, sendo eles: 1181 pichações; 202 grafites; 50 *bombs*; e 6 grapixos, totalizado 1439 grafismos (Gráfico 1). Com esses dados, foi elaborado um produto cartográfico que busca elucidar a respeito da dinâmica espacial dos grafismos urbanos na UEM.

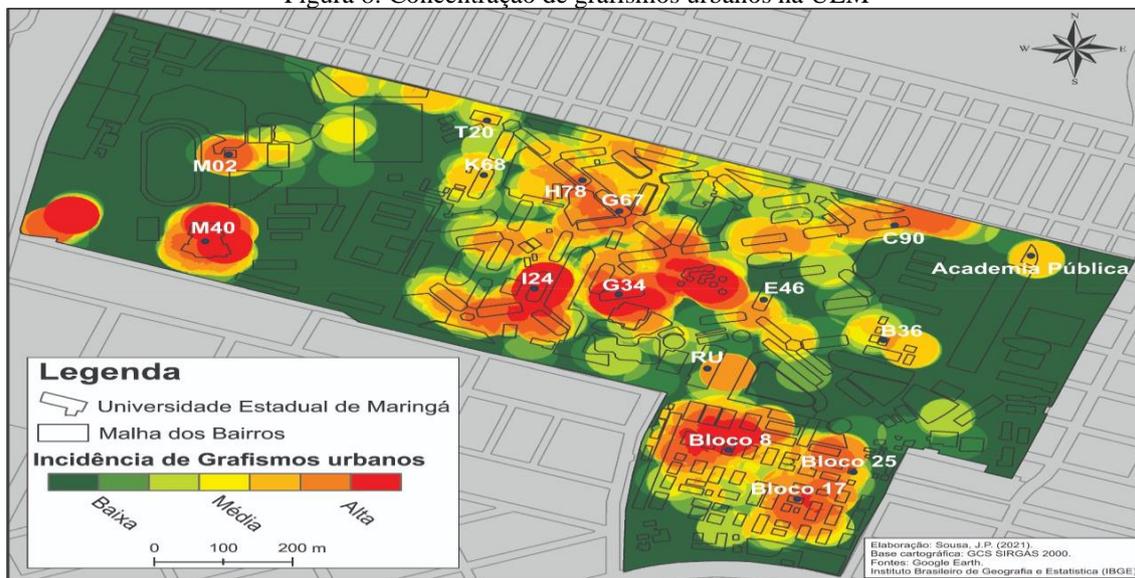
Gráfico 1: quantificação dos grafismos urbanos na UEM



Fonte: autor

O mapa de calor (Figura 8) coloca em evidência a intensidade de todos os quatro grafismos abordados neste trabalho (pichação, grafite, bomb e grapixo). As porções correspondentes as cores quentes representam uma maior intensidade de grafismos, onde vermelho e laranja representam uma alta intensidade, amarelo uma média intensidade e os tons de verde, uma baixa intensidade.

Figura 8: Concentração de grafismos urbanos na UEM



Fonte: autor

Nota-se ainda, uma concentração dos grafismos urbanos nos blocos abandonados da universidade, que conta com 31 obras inacabadas (PORTAL G1, 2017). Destaca-se a maior intensidade nos blocos G34, I24, M40, bloco 8 e para os quiosques e centros

acadêmicos próximos ao bloco E46. Tanto o bloco I24 quanto o bloco M40, são estruturas inacabadas dentro do espaço da universidade. Tendo em vista essa concentração de grafismos urbanos nos blocos abandonados, é possível apontar que tais estruturas se comportam como um atrativo dos grafismos urbanos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço acadêmico da Universidade Estadual de Maringá é composto por múltiplos agentes e ferramentas que o moldam. Os grafismos urbanos são uma parte de destaque nessa composição, promovendo mensagens subversivas de cunho político e social. São formas de protesto e denúncia contra ideias retrógrads, que levam as pessoas inseridas neste espaço, a refletir sobre tais temas ao se deparar com um grafite, pichação, ou qualquer outro grafismo.

Debates sobre feminismo, racismo, homofobia, intolerância religiosa são constantes no ambiente acadêmico, e os grafismos urbanos se consolidam como um pilar relevante para a propagação e avanço dessas discussões, deixando gravado nos muros e paredes, mensagens e imagens instigam o transeunte atento ao espaço ao seu redor, a repensar conceitos internos e de toda a sociedade.

Por meio de estudos bibliográficos, trabalho de campo e ferramentas de geotecnologias, fora possível estender o conhecimento a respeito dos grafismos urbanos no espaço da Universidade de Maringá, tanto em seu propósito, quanto em sua espacialização. Inicialmente, foram identificadas as variações de grafismos mais expressivos no espaço da universidade, destacando a pichação, grafite, bomb e grapiço.

Com a identificação dos grafismos e estabelecendo sua localização através da coleta de pontos, foi possível a elaboração de produtos cartográficos que elucidam a respeito da dinâmica espacial dos grafismos urbanos no espaço da Universidade Estadual de Maringá. Através da análise dos mapas, foi possível identificar a vasta quantidade de grafismos presentes no ambiente acadêmico e sua concentração em blocos abandonados, expondo o descaso do poder público para com a universidade, alunos e funcionários.

Deste modo, o presente trabalho demonstrou uma face da dinâmica dos grafismos urbanos e como os mesmos se estabelecem no espaço da UEM. Os resultados apresentaram a quantificação e espacialização dos grafismos no ambiente acadêmico, permitindo assim, uma abertura para uma futura investigação desse fenômeno, verificando sua intensidade e distribuição em próximos trabalhos.

REFERÊNCIAS

ANDREOLI, G. S. **Grafismos urbanos: composições, olhares e conversações**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil, 2004. 2020. Disponível em: http://applicality.com/app_

APPLICALITY. **MobileTopographer GIS: Manual. Applicality software meets quality**. documentation/web/MobileTopographerGIS_Manual.pdf . Acesso em: 03 setembro de 2020.

ARAÚJO, A. O; FILHO, T. B. M; MARINHO, L. **Muros que falam: a comunicação na cidade/ Speakable Walls: the communication in the city**. Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 30, n. 1, p. 99-114, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rh/article/view/475> Acesso em: 30 de abril de 2021.

BARJA, W. **Intervenção/terinvenção: a arte de inventar e intervir diretamente sobre o urbano, suas categorias e o impacto no cotidiano**. Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação, v.1, n.2, 2008.

BEAUJEU-GARNIER, J. **Geografia urbana**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. 1983.

FERNANDES, E. M. F. **Pichações: discursos de resistência conforme Foucault**. Acta Scientiarum. Language and Culture – v. 33, n. 2, p. 241-249, ISSN: 1983-4675 – Maringá, 2011. Pág. 242 e 246. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3074/307426648008.pdf> Acesso em 18 de abril de 2021.

FERREIRA, M. C. **Iniciação à análise geoespacial: teoria, técnicas e exemplos para geoprocessamento**. São Paulo: Unesp, 2013.

G1 PR. UEM precisa de R\$ 45,3 milhões para concluir obras inacabadas, diz reitor. Portal G1, 04/12/2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/uem-precisa-de-r-453-milhoes-para-concluir-obras-inacabadas-diz-reitor.ghtml>. Acesso em 20/07/2021.

HAMANN, C. PIZZINATO, A. TEDESCO, P. C. **INTERVENÇÕES VISUAIS URBANAS: SENSIBILIDADE(S) EM ARTE, GRAFITE E PICHÃO**. In: Revista Psicologia & Sociedade. Versão impressa ISSN 0102-7182, versão On-line ISSN 1807-0310 – vol.29 – Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i169375> Acesso em 29 março 2021.

LASSALA, G. **Pichação não é pixação: uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas**. Picho is not picho: introduction to the analysis of urban graphic expressions. 2 ed. Altamira Editorial. São Paulo. 2017.

LÉVY, P.A. **Ideografia Dinâmica: rumo a uma imaginação artificial?** São Paulo, Editora Loyola, 1998.

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. **UEM divulga perfil dos vestibulandos**. 24/10/2014. Disponível em: http://noticias.uem.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19240:uem-divulga-perfil-dos-vestibulandos&catid=986:pagina-central&Itemid=211. Acesso em 04/10/2021.